

TEMA 5

aula 14/set

AUT
551

ALAIN TOURAINE

10

PODEREMOS VIVER JUNTOS?

IGUAIS E DIFERENTES

Tradução:
Jaime A. Clasen e Ephraim F. Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Touraine, Alain. 1925-
Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes / Alain Touraine : tradução
Jaime A. Clasen e Ephraim F. Alves - Petrópolis, RJ : Vozes, 1998.

ISBN 85 326 2115-5

1 Multiculturalismo 2 Pluralismo (Ciências sociais) I Título

98 2596

CDD-306 446

Índices para catálogo sistemático:

1 Multiculturalismo Sociologia 306 446

 EDITORA
VOZES

Petrópolis
1999

11
pg

INTRODUÇÃO

As informações, como os capitais e as mercadorias, atravessam as fronteiras. O que estava distante se aproxima e o passado torna-se presente. O desenvolvimento não é mais a série das etapas através das quais uma sociedade sai do subdesenvolvimento e a modernidade não mais sucede à tradição; tudo se mistura; o espaço e o tempo estão comprimidos. Em vastas partes do mundo, os controles sociais e culturais estabelecidos pelos estados, pelas igrejas, pelas famílias ou pelas escolas se enfraquecem, e a fronteira entre o normal e o patológico, o permitido e o proibido, perde a sua nitidez. Não vivemos numa sociedade mundializada, globalizada, que invade de todos os lados a vida privada e pública da grande maioria? A resposta à pergunta feita – Podemos viver juntos? – parece, pois, pedir uma resposta simples e formulada no presente: Nós já vivemos juntos. Bilhões de indivíduos vêem os mesmos programas de televisão, bebem as mesmas bebidas, usam as mesmas roupas e, para se comunicar de um país a outro, usam também a mesma língua. Vemos formar-se uma opinião pública mundial que debate em grandes assembleias internacionais, no Rio ou em Pequim, e que em todos os continentes inquieta-se com o aquecimento do planeta, os efeitos das experiências nucleares ou a difusão da SIDA.

É isto suficiente para dizer que pertencemos à mesma sociedade ou à mesma cultura? Certamente não. É próprio dos elementos globalizados – quer se trate de bens de consumo, de bens de comunicação, de tecnologia ou de fluxos financeiros – não estarem ligados a uma organização social particular. A globalização significa que as tecnologias, instrumentos e mensagens estão presentes por toda parte, isto é, não estão em lugar nenhum, não estão

ligados a nenhuma sociedade ou a nenhuma cultura particular, como mostram as imagens, sempre rebuscadas pelo público, que justapõem a bomba de gasolina e o camelo, a Coca-Cola e a aldeia andina, o *blue-jeans* e o castelo principesco. Esta separação de redes e coletividades, esta indiferença dos sinais da modernidade ao lento trabalho de socialização realizado pelas famílias e escolas, numa palavra, esta dessocialização da cultura de massa, faz com que vivamos juntos apenas à medida que fazemos os mesmos gestos e utilizamos os mesmos objetos, mas sem sermos capazes de nos comunicar além da troca dos signos da modernidade. Nossa cultura não comanda mais a nossa organização social, a qual, por sua vez, não comanda mais a atividade técnica e econômica. Cultura e economia, mundo instrumental e mundo simbólico separam-se.

Dado que nossas pequenas sociedades pouco a pouco se fundem numa vasta sociedade mundial, vemos se desfazerem diante de nossos olhos os conjuntos ao mesmo tempo políticos e territoriais, sociais e culturais, que chamávamos de sociedades, civilizações ou, simplesmente, países. Vemos que se separam, de um lado, o universo objetivado dos signos da globalização e, de outro lado, os conjuntos de valores, de expressões culturais, de lugares memoráveis, que não mais formam sociedades na medida em que são privados de sua atividade instrumental doravante globalizada e se fecham em si mesmos, dando a prioridade mais aos valores do que às técnicas, mais às tradições do que às inovações.

No final do século passado, em plena industrialização do mundo ocidental, os sociólogos nos ensinaram que passávamos da comunidade, fechada em sua identidade global, para a sociedade, cujas funções se diferenciavam e se racionalizavam. A evolução que nós vivemos é quase inversa. Das ruínas das sociedades modernas e de suas instituições saem, por um lado, redes globais de produção, de consumo e de comunicação e, por outro lado, uma volta à comunidade. Vimos ampliar-se o espaço público e político; ele não se decompõe sob os efeitos opostos desta tendência à privatização e deste movimento de globalização?

É verdade que vivemos um pouco juntos em todo o planeta, mas é igualmente verdadeiro que por toda parte se reforçam e se multiplicam os grupos de identidade, as associações baseadas na pertença comum, as seitas, os cultos e os nacionalismos; as sociedades voltam a ser comunidades reunindo estreitamente,

30
num mesmo território, a sociedade, a cultura e o poder sob uma autoridade religiosa, cultural, étnica ou política que se poderia chamar carismática, pois ela não encontra a sua legitimidade na soberania popular, na eficácia econômica ou na conquista militar, e sim nos deuses, nos mitos ou nas tradições duma comunidade. Quando estamos todos juntos, não temos quase nada em comum; e quando partilhamos crenças e uma história, rejeitamos os que são diferentes de nós.

Não vivemos juntos a não ser perdendo nossa identidade; inversamente, a volta das comunidades traz junto consigo o apelo à homogeneidade, à pureza e à unidade, e a comunicação é substituída pela guerra entre os que oferecem sacrifícios a deuses diferentes, apelando para tradições estranhas ou opostas entre si, às vezes até se considerando como biologicamente diferentes dos outros e superiores a eles. A idéia tão sedutora do *melting-pot* mundial, que faria de nós cidadãos de um mundo unido, não merece nem o entusiasmo nem as imprecações que muitas vezes suscita; ela está tão distante da realidade observável, mesmo nos Estados Unidos, que não é nada mais do que a ideologia adocicada dos empresários de espetáculos mundiais.

Os que falam de imperialismo americano ou ocidental em vez de globalização cometem o mesmo erro que os moralistas otimistas à medida que a sociedade americana é uma das mais dissociadas entre as redes globais e as comunidades fechadas em si mesmas. Se muitas redes mundiais têm o seu centro em Los Angeles, esta zona urbana não é nem uma cidade nem uma sociedade, mas um conjunto de guetos ou de comunidades estranhas entre si, atravessadas por auto-estradas, o que é verdadeiro também de Nova Iorque, embora esta cidade apresente ainda as formas de vida urbana que as civilizações passadas criaram em todos os continentes, particularmente na Europa. Porque o imaginário veiculado pelas comunicações de massa é cada vez mais de origem americana, uma parte de nós americaniza-se, como poderia amanhã se japonizar ou, depois de amanhã, se abrigar, e tanto mais fácil porque essas imagens não se transformam em modelos de comportamento e em motivações – quanto mais uma mensagem é transmitida massivamente, e sem ligação com o social, menos ela modifica os comportamentos. É imensa a distância entre os habitantes das favelas de Calcutá ou de uma aldeia perdida no altiplano boliviano e os filmes de